

ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO

DISTÚRBIOS NO COMPORTAMENTO DE ANIMAIS DE COMPANHIA

Monografia de aproveitamento do Curso  
de Homeopatia do Instituto Brasileiro de  
Estudos Homeopáticos - IBEHE e  
Universidade de Ribeirão Preto - SP.

SÃO PAULO  
1 9 9 6

Dedico à minha esposa  
V E R A M A R I A,  
com amor e carinho.

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO.....	5
2 - O COMPORTAMENTO E SEUS DISTÚRBIOS.....	6
3 - ALGUNS DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO E SEUS TRATAMENTOS.....	8
3. 1 - AGRESSIVIDADE.....	9
3. 2 - ELIMINAÇÃO ( FEZES E URINA ).....	17
3. 3 - VOCALIZAÇÃO.....	21
3. 4 - DESTRUIÇÃO.....	23
3. 5 - CAVAÇÃO.....	25
4 - ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO.....	27
5 - DISCUSSÃO.....	31
6 - CONCLUSÕES.....	34
7 - RESUMO.....	35
8 - SUMMARY.....	36
9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À minha esposa VERA MARIA, pelo estímulo, dedicação e compreensão, durante todo meu curso e confecção do presente trabalho.

Aos meus filhos ANTONIO CARLOS e sua esposa MARTA, ANGELA, ROBERTO e TERESA CRISTINA, pelo estímulo, compreensão e apoio.

Aos meus netos LUNA, LUCAS e PEDRO HENRIQUE, pelo estímulo direto ou indireto.

À Diretoria do Instituto Brasileiro de Estudos Homeopáticos IBEHE, seus professores e funcionários, pela carinhosa recepção e atenção, proporcionando condições para minha formação de médico veterinário homeopata.

À minha Professora Dra.MARIA DO CARMO ARENALES, pelo estímulo, orientação e transmissão de inestimáveis ensinamentos.

À minha colega MARIA CRISTINA BARCELOS PIRES, entusiasta da homeopatia, desde à época em que era estagiária e bolsista do CNPq, sob minha orientação, e que durante o curso de homeopatia foi minha segunda orientadora.

Ao meu amigo LUIS UMBERTO RASERA e à minha filha TERESA CRISTINA, pela paciência e incalculável colaboração na informática.

A todos aqueles que direta ou indiretamente colaboraram na minha formação atual.

## 1 - INTRODUÇÃO

A união entre os proprietários e seus animais de companhia é, sem dúvida alguma, bem intensa e, na maioria dos casos, esses animais participam de quase todas atividades diárias e sociais de seus proprietários. Para alguns estudiosos do assunto, existe uma tendência para que esta união vá se tornando cada vez mais duradoura e que, no futuro, um maior número de pessoas terá animal de companhia, adotando essas mesmas atitudes, em consequência do aumento da insegurança que lhes é transmitida pelo mundo moderno.

Num estudo realizado, nos Estados Unidos, no Hospital Veterinário da Universidade da Pennsylvania e publicado por VOITH (34), como resultado de um questionário distribuído a 700 proprietários de cães e a 800 de gatos, muitas informações importantes foram registradas. Aqui mencionaremos algumas delas: Os proprietários de 99% dos animais declararam que seus companheiros eram considerados membros da família, 97% dos proprietários conversavam, diariamente, com seus animais, 56% dos cães e 89% dos gatos dormiam na cama com seus donos, 54% dos cães e 39% dos gatos recebiam convidados para comemoração de seus aniversários.

Existem vários fatores que interferem nesta união, dentre eles, os distúrbios do comportamento dos animais. Em uma revisão bibliográfica sobre o tema, VOITH (36) encontrou citações de que esta é a razão mais comum pela qual os proprietários abandonam ou sacrificam seus companheiros de estimação.

O estudo deste assunto, visando compreender as causas principais que dão origem a tais distúrbios e, a partir daí, conhecer a maneira mais eficiente de corrigi-las, é o objetivo deste trabalho.

## 2 - O COMPORTAMENTO E SEUS DISTÚRBIOS

O comportamento e seus diferentes distúrbios são fenômenos interpretados de maneira variada, pelos diversos setores do conhecimento animal.

Na opinião, não mais aceita, de Lorenz, uma energia instintiva dentro de um animal, aciona-o para que ele exiba um comportamento. Entre os etólogos existe muita confusão com a grande diversificação de opiniões, deixando parecer que o encontro de um meio eficiente, para se obter um progresso nos estudos, é ainda remoto e que ele pode vir através da fisiologia, da solução da "caixa preta" ou do "animal completo". Para eles, o comportamento é "o resultado da interação de órgãos sensoriais, sistema nervoso, músculos e outras partes do corpo do animal", supondo-se que qualquer "variação em alguns destes itens afetará também o comportamento." Além do que "existe a complicação adicional na qual pode ser mostrado que o ambiente contribui substancialmente para a variação observada entre indivíduos" assim, "a maneira como o animal foi tratado na infância, ou o ambiente que encontra quando adulto, afeta o seu comportamento tanto quanto a linhagem genética a que pertence" (DAWKINS 16).

Para uma estudiosa da patofisiologia animal (REISNER 31), o comportamento é definido como atividade observável externamente ou é aquilo que o animal ou o homem é na realidade. O comportamento de um animal de companhia pode ser considerado anormal, pelo proprietário, quando na realidade não é, e o contrário também é verdadeiro. A mudança de comportamento de um animal pode ocorrer, como resultado de doenças orgânicas, tais como: neoplasias, infecções por vírus, bactérias e fungos, migração parasitária, traumatismo, isquemia, doenças metabólicas, toxicoses, distúrbios bioquímicos e malformações.

PARKER (30) em seu estudo de diagnóstico das causas de anormalidade de comportamento de cães e gatos, apresenta uma tabela completa, dividida em três itens: "Lesões Cerebrais e Moléstias com Sintomas em grande Parte Intracranianos; Afecções com Lesões no SNP-Medula Espinhal e

Alguns "Problemas do comportamento" Potencialmente confusos (realmente, ou por má interpretação) e Afecções com lesões não do Sistema Nervoso (os sinais mais prováveis estão especificados" (sic). Ele aconselha que, pelo menos, um exame neurológico simples deve ser feito em um animal que apresenta qualquer problema de comportamento, mas se necessário, outros exames mais completos devem ser providenciados. O autor menciona que apesar de se tentar esclarecer a causa verdadeira desses distúrbios do comportamento, pelos procedimentos mencionados, o clínico, muitas vezes se sente frustrado, pois o diagnóstico final é inexato. Por isso, é aconselhável que ele se acostume em falar para o cliente: "Nós não sabemos porque o animal fez isto", "Nós não podemos explicar como o animal dá início ou aprende esta atividade", ou sugerir: é uma "liberação motora induzida pela tensão, similar ao roer de unhas nos seres humanos" ou é um "padrão motor hereditário que está sendo exibido inadequadamente".

Numa revisão da história da veterinária relacionada com o comportamento, VOITH (35) cita que, por milênios, o homem castra os animais afim de modificar seus comportamentos. A publicação de trabalhos sobre distúrbios de comportamento, nos animais, teve início na década de sessenta, aumentando esse número a partir da década seguinte, quando os autores começaram a se preocupar, também, com os distúrbios do comportamento causados pela "ansiedade por separação", assunto revisado por McCRAVE (25) que analisou os resultados de 18 trabalhos publicados, sendo a maioria na década de oitenta.

Do ponto de vista homeopático "A força vital que determina a sofisticação de um catabolismo e anabolismo", determina, também, as emoções (ansiedade, ciúme, cólera, temor, etc.) que geram, em consequência, o comportamento. Pela análise deste, considerado às vezes anormal, pelo proprietário, o veterinário homeopata decifra as emoções, pelas quais os animais sofrem, na realidade (ARENALES 2).

### 3 - ALGUNS DISTÚRBIOS DE COMPORTAMENTO E SEUS TRATAMENTOS

O número elevado de levantamentos feitos, em outros países, sobre os principais distúrbios do comportamento de animais de companhia foram baseados em questionários preenchidos, pelos proprietários dos mesmos, em hospitais veterinários, faculdades ou departamentos encarregados dos estudos de comportamento animal.

No trabalho realizado, mais recentemente, por VOITH (34), citado anteriormente, constatou-se que 42% dos cães e 47% dos gatos apresentavam problemas de comportamento.

Em se tratando de cães, os distúrbios que ocuparam os cinco primeiros lugares em quase todos os levantamentos foram: agressividade, eliminação (fezes e urina), vocalização (latidos e uivos), destruição e cavação (BEAVER 4). Esta mesma ordem é encontrada no trabalho publicado por VOITH (34): agressividade (15%), eliminação (13%), excesso de barulho (12%) e destruição de objetos (12%).

Os proprietários dos gatos apontaram: eliminação de fezes e urina (24%), destruição de objetos (24%) e ingestão de objetos (20%) VOITH (34). No trabalho publicado por CHAPMAN (15), a eliminação continua em primeiro lugar com 65% e a agressividade, para com outros animais e o homem, representa 29%. Importante destacar que somente 25% dos casos de agressividade era dirigida às pessoas.

Neste trabalho selecionamos, para discussão sobre causa, condições em que ocorrem e tratamentos, os seguintes distúrbios de comportamento:

**AGRESSIVIDADE - ELIMINAÇÃO - VOCALIZAÇÃO - DESTRUIÇÃO -  
CAVAÇÃO.**

### 3.1 - AGRESSIVIDADE:

Segundo o dicionário da língua portuguesa de FERREIRA (18), agressividade é a "disposição para agredir, qualidade de agressivo, disposição para o desencadeamento de condutas hostis, destrutivas, fixada e alimentada pelo acúmulo de experiências frustradoras" e cólera é "impulso violento contra o que nos ofende, fere ou indigna; ira, raiva, fúria, furor, zanga". Os ataques ou agressões dos animais estão, geralmente, ligados a três motivos principais: instinto, conservação da espécie e cólera.

Os trabalhos sobre os diferentes aspectos da agressividade no cão foram revisados por vários autores, dentre eles, selecionamos os de PARKER (30), WRIGHT (37) e o de VOITH (36).

Para PARKER (30) a agressividade além de ser comum, nos animais, ela não tem uma origem orgânica isolada e, como todos os outros tipos de comportamento, não se deve subestimar a tensão (ambiental, população, emocional, dor, irritação, afecção) quando se quer descobrir o fato que a originou. Os proprietários, na maioria das vezes, não gostam de saber que seus animais possuem um distúrbio de comportamento relacionado com a tensão, pois se sentem culpados, pois acreditam que isto é conseqüência de falhas cometidas por eles e que os distúrbios devem ser justificados em termos de afecção orgânica. No episódio da agressividade, dizem os proprietários: os animais apresentam as pupilas dilatadas mantendo um olhar fixo, sem piscar, como se tivessem "olho de vidro" e que eles os transmitem uma sensação de que "não são eles mesmos". O clínico deve fazer uma anamnese completa, procurando saber quem está sendo ameaçado, em que circunstância e freqüência com que ela ocorre, se é por defesa do território, etc. Diz o Autor, que nos casos em que a agressividade "é uma síndrome comportamental, e talvez induzida por disfunção catecolamínica" e "a agressão por desorientação se caracteriza por ambulação, por parte do animal que exhibe um visual ameaçador e agressivo", síndromes perigosas, a eutanásia é o procedimento mais recomendável. Em muitos casos de agressividade, por parte dos animais de companhia, o adestramento e treinamento não terão qualquer tipo de sucesso, podendo, quando o adestrador for competente, amenizar um pouco o problema. O Autor aconselha "educação do cliente e a terapia têm de envolver um treinamento comportamental adequado, bem como medicamentos apropriados".

Com o objetivo principal de determinar métodos capazes de prevenir os ataques de cães às pessoas, WRIGHT (37) analisou o resultado de vários trabalhos publicados sobre os aspectos físicos do problema, como: características dos cães (idade, raça, sexo, tamanho); características das vítimas (idade, sexo, localização das mordidas) e relação que existiam entre cães e vítimas, considerando, também, a gravidade das mordidas. Concluiu o Autor que, normalmente, um cão não ataca sem provocação, a não ser o caso de animais pertencentes às raças identificadas como agressivas por vícios. As criações destas raças devem ser restritas ou, mesmo, totalmente destruídas. A tendência para que o cão morda, está baseada nos seguintes fatores que se interagem: hereditariedade, nova experiência, socialização tardia, treinamento, saúde e comportamento da vítima. Um programa deve ser conduzido visando a educação da população, com o objetivo de orientar o comportamento das pessoas, mormente crianças, frente aos cães. Leis mais rigorosas são necessárias para punição de proprietários que mantêm seus cães livres pelas ruas ou mantidos em casa inadequadamente.

VOITH (36) conclui, em seu trabalho de revisão bibliográfica, que os clínicos e proprietários devem saber que a agressividade, qualquer que seja a causa e as circunstâncias em que ocorre, mesmo quando tratada adequadamente, pode não ser corrigida completamente. Ela classifica a agressividade em 10 itens. Aquí, será feito um ligeiro resumo dos mesmos:

- 1) Agressão por dominância - São, normalmente, não provocados e súbitos e que se dá nas seguintes circunstâncias: a) quando o cão está sendo manipulado (acariciado, contido, afastado, preso com coleiras, correias ou fucinheiras, banhado, secado); b) quando o cão está repousando ou dormindo; c) quando o cão acorda; d) quando alguém se aproxima de sua comida, de uma cadela no cio, de uma pessoa querida ou de sua área de repouso e e) quando o cão é olhado, repreendido ou ameaçado). Esta agressão pode ser dirigida, às vezes, somente aos membros da casa.
- 2) Agressão entre machos - Este tipo de agressividade pode ser devida à presença de cadelas em cio e, normalmente, ela não se estende ao homem e outros animais.
- 3) Agressão entre fêmeas - Da mesma forma da anterior, a agressividade está dirigida a outro animal da mesma espécie e do mesmo sexo.
- 4) Agressão induzida pelo medo - Neste caso, o animal não sai do local onde está, para agredir pessoas ou outros animais. Ele toma uma expressão corporal típica de submissão e só ataca quando procurado.

- 5) Agressão induzida pela dor - Este tipo de agressividade pode ser dirigido a membro mais submisso da casa, como uma criança ou outro animal. Um exame físico, para se estabelecer alguma enfermidade, é aconselhado.
- 6) Agressão parental - Ocorre, normalmente, quando alguém ou outro animal se aproxima de uma ninhada.
- 7) Pseudociese - Da mesma forma da anterior, esta agressividade só tem como objetivo a proteção de filhotes "substitutos".
- 8) Agressão territorial protetora - Este tipo de agressividade pode ocorrer em ambos os sexos e seu objetivo maior é a proteção da casa, quintal ou área considerada como território do canino.
- 9) - Comportamento predatório - Este tipo de distúrbio aparece, geralmente, quando os animais estão livres e atacam rebanhos ou mesmo pessoas. Se, nestes casos, os animais conseguem formar grupos, os ataques podem ser fatais.
- 10) Distúrbios agressivos fisiopatológicos - Nestes casos, o comportamento é consequência de anormalidades neurológicas (degeneração neuronal hipocampal) e afecções cardíacas.

Os tratamentos destes diferentes tipos de agressividade, indicados nos trabalhos consultados, pela Autora, estão agrupados em quatro categorias: cirúrgicos, educacionais, farmacológicos e elétricos e têm o objetivo de evitar que alguma pessoa ou animal se fira e que o animal perca a sua agressividade. A eficiência deles é insegura tanto quando usado separada ou associadamente. Os efeitos benéficos, quando existem, são por pequeno lapso de tempo e os efeitos maléficos devem ser considerados. As castrações são recomendadas para os casos em que a agressividade é devida à dominância e a amigdalectomia para as induzidas pelo medo. As medidas educacionais, que englobam, dentre outras atitudes, os reforços positivos e negativos e transferência de residência para o cão, são recomendadas em todos os tipos de agressividade. Os produtos farmacológicos mais recomendados são o acetato de megestrol (2 a 4 mg por kg de peso vivo), o acetato de medroxiprogesterona (10 mg por kg de peso vivo), dextro e levo-afetaminas (0,2 a 1,2 mg por kg de peso vivo), o diazepam e diferentes analgésicos. Outra terapia mencionada no trabalho é a eletroconvulsiva, que torna o animal submisso, provavelmente, pela perda da memória ou alterações nos neurotransmissores e os choques elétricos.

Dentre os trabalhos de revisão bibliográfica sobre agressividade em gatos, o de CHAPMAN (15) é um dos mais completos.

A Autora apresenta uma classificação deste distúrbio do comportamento, de acordo com o ser atacado. Quando o ataque é dirigido a outros gatos, as causas principais são: sexo(entre machos), território, medo, brincadeira, maternidade. Às pessoas: brincadeira, redireção, medo, maternidade e manipulação. Para outras espécies, a agressividade tem como causa: predação, maternidade e medo. A Autora descreve, com detalhes, a postura dos contendores durante os ataques. Resumiremos aqui diferentes informações sobre a agressividade entre machos, territorial, predatória, por brincadeira, por medo ou defensiva, redirecionada, quando manipulado e, finalmente, a maternal. A agressividade entre machos se dá quando se aproxima a maturidade sexual ou nos adultos. O tratamento indicado é a castração que funciona em 90% dos casos. Se houver persistência do problema, aconselha-se o uso de progestinas, como complemento.

A territorial ocorre quando um macho deseja expulsar um outro de seu território, às vezes, esta causa confunde com a anterior. Tanto o macho castrado como o não castrado pode desenvolver este tipo de agressividade. O emprego de progestina e diazepam também é ineficiente. O mais aconselhável, nestes casos, é um treinamento adequado, que às vezes também é frustrante ou a separação definitiva dos mesmos.

A predatória, presente no macho e na fêmea, ocorre em qualquer idade depois dos 4 meses e é considerada normal nesta espécie. Ela é dirigida a coelhos, pequenos roedores, insetos, lagartos e pássaros. O uso de um pequeno chocalho, na coleira do gato, avisa ao proprietário onde ele está e um grito pode evitar o ataque. O mais recomendável, no entanto, é não permitir o acesso do agressor às suas presas. Quando a brincadeira é excessivamente rude e persistente, torna-se uma agressividade, pois o gato fere as pessoas ou outro animal. Quando ocorre com pessoas, três causas são apontadas: 1) o gato é o único animal de companhia na casa; 2) foi deixado sozinho por mais de um dia e 3) possui menos de dois anos. A punição física não é aconselhável, pois pode estimular esse comportamento; da mesma forma a oniectomia (excisão completa das falanges distais), evita que o animal use as unhas, mas não os dentes. Recomenda-se direcionar as brincadeiras do gato para objetos fixos ou móveis, utilizar algum objeto barulhento que será usado no momento exato da agressão ou, melhor ainda, obter um outro gato da mesma idade, para que a agressividade seja desviada para o mesmo. A agressividade por medo, se dá, geralmente, quando o gato é cercado em um local, sem possibilidade de escapar e é de alguma maneira ameaçado. Pode ocorrer com animais de qualquer idade,

sexo, raça e tamanho. Aconselha-se não aproximar dos animais nesta hora, acostumá-lo com tudo aquilo que lhe causa medo e utilizar, em alguns casos, as benzodiazepinas (1 a 2 mg por kg de peso vivo, duas vezes ao dia, por via oral). A agressividade redirecionada é aquela que o animal ataca uma pessoa ou outro animal quando o que estimulou este comportamento é inatingível. Esse fenômeno ocorre em membros de várias espécies e alguns autores o consideram normal. No gato, ele pode ser desencadeado por diferentes motivos como ambiente estranho, alguns tipos de ruídos, visitas e cão na casa. Quando o gato está olhando através de uma janela e vê outro gato ou uma de suas presas naturais e não pode persegui-los, quando o proprietário tenta separá-lo quando está brigando com outro animal, ou mesmo, quando é perturbado no momento em que está olhando ou ameaçando um adversário. Para este tipo de agressividade recomenda-se, após uma análise das causas principais, medidas preventivas, dentre elas, as técnicas de condicionamento. Quando o gato é tocado ou acariciado, às vezes depois de um pequeno lapso de tempo, morde a mão da pessoa que está lhe tocando. A autora citada afirma que se desconhece a causa verdadeira dessa atitude, mas existe um ditado popular sugerindo que o gato, num determinado momento, sente que está sendo acariciado por outro macho e por isso agride a pessoa. Outras causas suspeitas são: falta de tolerância ao tato, aversão a serem tocados por longo período de tempo e medo de que este gesto seja um sinal de dominância do acariciador. Aconselha-se a interrupção do carinho, quando se percebe que o animal não está mais suportando-o. O uso das progestinas, apesar de indicado, não tem efeito comprovado sobre este tipo de agressividade. Na maternal, a gata defende sua prole de outros gatos, pessoas e outros animais, pois os considera, predadores. Existem casos, que mesmo antes do parto, as gatas já tornam um pouco mais agressivas.

Conhecido, do ponto de vista geral, os vários tipos de agressividade dos cães e dos gatos e as diferentes circunstâncias em que ela ocorre e seus respectivos tratamentos vamos resumir, também, a visão mais individual deste distúrbio do comportamento.

Com o advento da domesticação e, conseqüentemente, a vinda dos animais de diferentes espécies para os nossos lares, com o passar dos anos, as emoções desses seres passaram a se confundir com as emoções de seus proprietários. Assim, eles devem ser tratados, também como os seres humanos,

pois eles sofrem das mesmas lesões conseqüentes de idênticas emoções. (ARENALES 2).

No Moderno Repertório de Kent (EIZAYAGA 17) estão relacionados, na Sessão Psiquismo, Rubrica Cólera, cerca de 234 medicamentos que identificam os portadores das diferentes formas de agressividade. Se for levado em consideração as diferentes modalidades, este número será ligeiramente maior.

ARENALES (2), em seu trabalho pioneiro mundialmente, analisou do ponto de vista linguístico e veterinário, as 582 rubricas e algumas sub-rubricas da sessão psiquismo do Repertório de Kent, já mencionado anteriormente. Para ilustrar a eficiência da utilização do método de repertorização, citou 67 casos de agressividade em cães e 20 em gatos, resultados de seu trabalho prático em clínica veterinária.

Com o objetivo de apresentar a eficiência do tratamento homeopático em casos de agressividade que ocorre em cães e gatos, resumiremos os principais casos relatados por diferentes autores. Nestes, incluem como causas: ciúme de objetos e animais, aversão a ser olhado ou tocado, contradição, despertar e, até mesmo, por bagatelas, crueldade, ingratidão e proteção do agredido.

BRUNINI, et alii (7) descrevem caso de um gato de seis anos de idade, que vivia em um atelier em companhia de outros quatro gatos. Chamado pelo nome de Francisco, tornava-se agressivo sempre que os outros eram acariciados e tinha o hábito de perseguir seus companheiros para se vingar. Clinicamente, era portador de *Dipylidium caninum*. Seu tratamento constou de uma única dose de *Hyoscyamus niger* 200CH. Após a medicação, Francisco permitiu que os outros recebessem carinho, também, e tornou-se um outro animal. Esta medicação só foi repetida, 15 meses após, pois estava ocorrendo o retorno de alguns sintomas.

Uma cadela sem raça definida, de nome Camila, apesar de ser delicada com sua proprietária, tornava agressiva, mordendo-a, quando ela passava próximo de seu alimento, pegava seus brinquedos, inadvertidamente, ou dava atenção ao papagaio BRUNINI et alii (11).

BRUNINI et alii (8) descrevem que uma agressividade intensa dominava Poty, um cão da raça Fox Paulistinha, que rosnava e ameaçava todos aqueles que os cercavam, ou mesmo, os olhavam. Quando era repreendido ou provocado, tornava-se muito feroz, masturbava na proprietária e, às vezes, rasgava suas roupas. Além de agredir as pessoas, ameaçava também tudo que se movimentava ao seu redor, mesmo se tratando de objetos inanimados. Após a escolha do medicamento, pela repertorização, foi-lhe ministrado *Datura stramonium* 200CH. Decorridos 40 dias, Poty voltou mais calmo e permitindo que as pessoas o olhassem, mas não aceitava provocações. Os autores mencionam: "...o indivíduo que sofre stramonium tem medo que dele se acerquem, de ser ferido e de ser golpeado. Tudo o que se movimenta pode golpeá-lo, e no sofrimento desta medicação os indivíduos reacionam com extrema fúria, selvageria e violência: atacando tudo o que se movimenta."

BRUNINI et alii (12) relatam caso da cadela Dascha, da raça Beagle, que não permitia ser tocada e que reagia mordendo, sem avisar, todos aqueles que a tocavam. Após receber uma dose única de *Bryonia alba* 200CH, tornou-se mais amiga dos proprietários, não mordendo mais qualquer pessoa e deixou de ser tão desconfiada.

Vivendo com mais quatro animais de sua espécie, o comportamento do gato Pituco podia ser bem observado pelos proprietários. Caminhava de um lado para outro e soltava gritos aterrorizantes. Para despertar seu comportamento agressivo e extremamente violento, bastava ser olhado pelos outros gatos. Não gostava de ser acariciado e ficava bravo quando era repreendido pelas pessoas. Outra característica do comportamento de Pituco era a cleptomania. Escondendo, sem destruir, pequenos objetos como: carretéis, giz, dedais, etc. Tratado com uma única dose de *Tarentula hispanica*, na potência 200CH, Pituco passou a deixar ser acariciado, deixava os objetos em seus lugares e, tranqüilo, brincava com os demais gatos da comunidade GIORGI et alii (21).

VERMULN et alii (33) relatam o caso de Meg, da raça Poodle, que além de seus problemas de convulsão, era muito traiçoeira e sempre que acariciada, mordida seus proprietários. Após ser tratada, diariamente, por trinta dias, com dois glóbulos de *Cicuta virosa* duas vezes ao dia, tornou-se mais calma e sociável.

O cão Poodle de nome Toy foi levado, sem esperanças, à clínica veterinária para tratamento de uma necrose aséptica da cabeça do fêmur

direito. Tinha como característica, uma agressividade demonstrada quando tentavam tocá-lo, rosnava e agredia as pessoas. Foi tratado com uma dose única de *Nux-vomica* 200CH. Após seis meses, o raio X evidenciou cicatrização óssea e Toy não agredia mais as pessoas, deixando ser tocado. Ele não tolerava contradição (ARENALES 2).

Com um problema incurável na coluna vertebral, Yankale, um cão Fox Terrier tinha algumas emoções consideradas estranhas, entre outras, ficava bravo, ou melhor, furioso ao ser despertado e atacava os membros da família. Identificado, pela repertorização e Matéria Médica, como *Lycopodium* e recebendo a medicação adequadamente, ficou depois de alguns meses, mais tolerante e calmo quando acordado (ARENALES 2).

Aretha, uma cadela da raça Rottweiler, era considerada mansa, por seus proprietários, mas se transformava, tornando-se agressiva quando aumentava o movimento na casa, com gritos de crianças e com o som alto da televisão. Medicada com *Ipeca* 30CH e trinta dias após, com 200CH, tornou-se outra, perdendo seu apelido de "pavio curto" BRUNINI & ARENALES (14).

ARENALES (2) descreve, com detalhes, o caso de um cão que permanecia escondido a espera de gatos da região, para matá-los. Com o intuito de atraí-los, colocava, anteriormente, em um determinado lugar, parte de seu próprio alimento, como isca. Quando seu objetivo era alcançado, mostrava-se realizado e quando não conseguia seu intento, ficava abatido ou envergonhado.

Os proprietários da cadela Samantha desejavam obter, pelo menos, uma ninhada de sua companheira, mas não conseguia como conseqüência de sua infertilidade. Após várias tentativas, resolveram buscar recurso dentro da homeopatia. Ao traçar o seu perfil psicológico, detectou-se que ela sempre mordida a mão de sua proprietária, após receber o alimento, Identificado o seu remédio, *Platina* e tomando apenas uma dose na potência 200CH, teve sua fertilidade regularizada e deixou de ser ingrata (ARENALES 2).

Descreve, também, ARENALES (2) o caso do cão Lino, sem raça definida, que às vezes permanecia, em silêncio, entre os arbustos, na chácara, esperando a chegada de pessoas, para atacá-las sorrateiramente. A agressividade pode se dar até por proteção da pessoa que está sendo atacada. A Autora cita o caso do cão Shanoo que, por clarividência, tornou-se agressivo com seu proprietário, para evitar a sua saída naquela noite. No caminho de volta para

sua casa, o proprietário faleceu em um acidente automobilístico. O comportamento do cão, naquele dia, foi bem diferente do habitual.

A "ansiedade por separação" é responsabilizada pelos autores consultados (BEAVER 4), (BORCHELT 5), (BORCHELT & VOITH 6), (McCRAVE 25), (PARKER 30) e (VOITH 36) como sendo a causa principal dos distúrbios de comportamento que aqui mencionaremos (eliminação, vocalização, destruição e cavação). Até mesmo a agressividade, já relatada anteriormente, pode surgir no animal, quando este percebe que seu proprietário está partindo de casa, ou mesmo, se preparando para tal (McCRAVE 25) e (VOITH 36). As medidas recomendadas para tratamento do fenômeno "ansiedade por separação", serão apresentadas no fim deste capítulo.

### 3.2 - ELIMINAÇÃO (FEZES E URINA)

Existem animais que são habituados a viverem dentro de casa, não receberam qualquer tipo de treinamento ou educação para fazerem suas necessidades fora deste ambiente ou em uma determinada área escolhida pelo proprietário. Estes casos não são considerados como distúrbios do comportamento e não serão discutidos neste trabalho.

Considera-se a eliminação de fezes e urina como distúrbio do comportamento, quando o cão ou o gato eliminam seus excrementos em locais considerados inapropriados, pelos proprietários, e não existe, comprovadamente, por exames clínicos e complementares, qualquer distúrbio orgânico causado por doenças.

Nos depoimentos dados pelos proprietários, a eliminação ocorreu, na maioria das vezes, quando o proprietário estava ausente. Quando retornava, mesmo sem ver os excrementos, sabia que o animal havia eliminado pois ele tomava uma postura de "culpado" e "sabia" que tinha feito alguma coisa errada (BEAVER 4).

Para iniciar a adoção de medidas que buscam a solução do problema, PARKER (30) e VOITH (36) recomendam uma extensa e detalhada anamnese, pois o distúrbio pode ter causas variadas. Devemos esclarecer alguns pontos importantes, como: frequência, ocorrência de alterações no hábito de urinar e defecar, se a urina fica gotejando, incidência quando o animal está

dormindo, sendo acariciado ou repreendido, se elimina nos objetos de alguém da casa, sobre os móveis, se é durante convulsão e qual o relacionamento com outros animais da casa, se houver, presença de visitas, etc.

Para PARKER (30) as causas podem ser para marcação de território, busca de atenção ou pela "ansiedade por separação", não se esquecendo de considerar que "o estado emocional do proprietário pode ser parcialmente responsável pelo problema do animal e não devemos deixar que o proprietário se sinta culpado, pois isso não trará benefícios. Qualquer que seja o tratamento, o clínico deve sempre pedir a ajuda do cliente: "nós vamos ter que trabalhar nisto, e ver o que podemos fazer a respeito".

As causas principais da eliminação de fezes e urina, em cães, segundo os trabalhos revisados por VOITH (36) são: moléstias, afecções fisiopatológicas, "ansiedade por separação", marcação, estímulo promotor de medo, submissão e excitação.

Quando ocorre micção e defecação ao mesmo tempo, um distúrbio neurológico cerebral ou medular deve estar presente. As inflamações como cistites, uretrites, prostatites, vaginitis, enterites e colites, são causas comum de eliminação. A incontinência urinária pode ser congênita ou adquirida e suas causas devem ser profundamente pesquisadas (REINER 31).

Um resumo das causas e tratamentos da eliminação por marcação, medo, submissão e excitação foi baseado no trabalho de VOITH (36). A marcação de território com fezes e urina é feita, geralmente, por cães machos não castrados, depois que atingem a maturidade sexual. A urina é eliminada em pequenas quantidades, em diferentes lugares e sobre objetos verticais. Para controlar este hábito, recomenda-se lavar e desinfetar bem os locais escolhidos para eliminação e fazer um contracondicionamento. A orquiectomia e a terapia com progestinas, apesar de ser recomendada, parece não ser totalmente eficiente. A eliminação causada pelo medo, principalmente de diferentes ruídos como os causados pelos trovões, pode ser amenizada pelas técnicas de modificação de comportamento ou por medicação ansiolítica.

A submissão é demonstrada, geralmente, pelos cães mais jovens mas alguns adultos podem manifestá-la. Ela ocorre quando os animais estão saudando as pessoas ou mesmo quando o dono zanga com eles. A punição é

contra indicada. Recomenda-se, após conhecer as causas que desencadeiam este tipo de comportamento, um trabalho de adaptação do proprietário e encorajamento do cão, evitando-se a exposição do mesmo aos estímulos causadores. Para aumentar o tônus do esfínter da bexiga, a Autora indica o cloridrato de fenilpropanolamina na dose de 1/5 a 4 mg por kg de peso vivo, por via oral, duas vezes ao dia.

Finalmente, VOITH (36) tece comentários sobre a eliminação por excitação, que também tem como causa a alegria intensa das saudações ou das brincadeiras. As medidas terapêuticas são as mesmas citadas para o caso anterior.

Em seu trabalho sobre a correção não farmacológica dos distúrbios do comportamento, BEAVER (4) cita que no caso dos cães, muitas vezes, eles são colocados para fora de casa para realizar a eliminação, mas devido ao inverno rigoroso, com umidade e neve (Estados Unidos), o animal fica próximo à porta de entrada esperando que o seu proprietário o recolha. Dentro de casa, depois de pequeno lapso de tempo, ele volta a eliminar. O Autor preconiza que o proprietário deve acompanhar o cão, no exterior da residência, o tempo suficiente para que o animal elimine tranquilamente, acariciando-o e elogiando-o todas às vezes que isso acontecer. Muitos proprietários possuem o hábito de esfregar o nariz do cão em suas fezes e urina, quando encontram excrementos pela casa. Esse ato além de ser contra indicado, condiciona o animal a ligar a punição à chegada do dono. Quando o proprietário quiser repreender seu companheiro, deve fazer imediatamente após a execução do ato indesejável.

Geralmente, o gato é considerado um animal relativamente limpo, mas uma estatística feita com 800 proprietários, nos Estados Unidos, mostrou que 10% da população de felinos, elimina fezes e urina em lugares inapropriados, do ponto de vista de seus proprietários (BORCHELT 5). A eliminação dos felinos se dá, segundo os autores consultados por BEAVER (4) por dois motivos principais: marcação de território e desconforto por parte do animal. A eliminação por marcação de território ou "borrifamento" ocorre quando existem outros gatos estranhos na região e por estresse. Quando o animal vê ou sente o cheiro de um outro felino, através de uma janela ou fresta, ele urina próximo desses objetos para marcar o território e também por estresse. Outro fato que pode ocorrer é a eliminação sobre objetos de pessoas, significando que ele tem "uma diferença" de relacionamento com essa pessoa.

Esta causa de eliminação é por várias vezes registrada quando se faz um interrogatório homeopático. BRUNINI et alii (7) descrevendo o caso do gato Francisco, já mencionado anteriormente, verificaram que além de sua teimosia era vingativo e demonstrava isso urinando nos objetos de seu proprietário, sempre que contrariado.

BEAVER (4) cita ainda em seu trabalho que a eliminação por desconforto ocorre quando a "caixa de areia" ou "caixa de necessidades", própria para servir o animal, está muito suja ou quando se faz uma troca brusca de seus componentes ou quando ele, simplesmente, não gosta do conjunto. Outros fatores são: Localização da "caixa de areia" onde existe muito movimento de pessoas ou o gato não tem sossego, pois o proprietário mantém o hábito de agarrá-lo sempre que acaba de usá-la. Em outras ocasiões, ele prefere um tapete que absorve os líquidos rapidamente ou lugares mais tranquilos, como atrás de uma cama ou de um sofá. O Autor enfatiza que sempre é necessário um estudo profundo das circunstâncias em que a eliminação indesejável ocorre para, posteriormente, traçar um método eficiente de corrigi-la.

Uma descrição sucinta sobre as posturas do gato antes e após a eliminação, as causas que estimulam este ato e uma discussão mais detalhada sobre as preferências dos gatos, quanto às "caixas de areia" e seus diferentes substratos foram feitas por BORCHELT (5).

Como tratamentos farmacológicos e cirúrgicos VOITH (36) cita: repelentes com odores fortes, diazepam (1 a 3 mg por via oral, duas vezes ao dia), acetato de megestrol e acetato de medroxiprogesterona. As tractotomias olfatórias foram consideradas eficientes.

Casos de eliminação, mesmo por enfermidades comprovadas, tem sido resolvidos através da cura pela homeopatia. Sendo portador da Síndrome Urológica Felina, Ego, um gato da raça Siamês, com a idade de 5 anos, começou a urinar pelos cantos da casa, desesperado com uma obstrução uretral, por estruvite (fosfato de amônio magnésio hexa-hidratado), que o perseguiu por longo período de tempo. Antes do início do mal, Ego tinha bons hábitos higiênicos, urinava e defecava apenas no jardim. Foi submetido a 6 cirurgias, tendo a última demorado, aproximadamente, 5 horas. Nos períodos entre as cirurgias, quase que diariamente era submetido à passagem de sonda uretral. Todos os tratamentos recomendados por vários especialistas, em diferentes

trabalhos, foram adotados FINCO (19) GASKELL (20), LEES & OSBORNE (24) OSBORNE & LEES (27), OSBORNE et alii (28) (29) TOMCHICK & GREENE (32). O animal, apesar de todos os cuidados, não apresentava qualquer sinal de total restabelecimento.

Consideramos o tratamento homeopático como último recurso. Enviado Ego à veterinária especialista, os procedimentos foram imediatamente iniciados. Decorridos onze dias, da ministração de seu "medicamento de fundo", o animal apresentava-se bem e houve redução dos cristais, em amostras de urina. A pesquisa de cristais, cinquenta e dois dias após a medicação, revelou ausência dos mesmos na urina BRUNINI, et alii (9).

### 3.3 - VOCALIZAÇÃO

Como vocalização vamos incluir, para apresentação, os latidos, uivos, miados e todos os sons emitidos em demasia pelos cães e gatos, nas circunstâncias em que os proprietários os consideram como distúrbios do comportamento. Latidos de um cão na hora da aproximação de estranhos na residência, miados para pedir alimentos e carinho são considerados normais pelas pessoas, assim foge dos limites deste trabalho.

Em seu artigo, BEAVER (4) afirma que os cães são mais barulhentos do que seus ancestrais, pois na formação das raças a vocalização foi selecionada, inadvertidamente, com outros dotes físicos e comportamentais dos animais. Ele considera como anormais, os latidos persistentes durante o período noturno e no diurno. As principais causas são: busca da atenção, falta de atividades e tristeza como a causada pela "ansiedade por separação". Os latidos, quando persistentes, perturbam não só o proprietário, como também o descanso de seus vizinhos, tornando, às vezes, caso de polícia, pela quebra do sossego.

Para PARKER (30) latidos constantes podem ter como causa a surdez ou outra afecção qualquer.

ARENALES (2) em seu trabalho, cita casos de cães que latiam e gritavam em diferentes circunstâncias, como: por medo na rua, do farol de lanterna, dentro de veículos em movimentos, de alegria e mesmo quando dormindo em quarto escuro ao lado do dono ou pedindo para abrir uma gaveta, como era o caso do cão da raça Beagle de nome Bonny ou ainda, sem motivo

aparente, como no caso de Etrusco e Amêndoa que, ao anoitecer, latia e uivava, respectivamente.

Como nos ítems anteriores, a anamnese de cada caso é muito importante, pois o diagnóstico das causas e circunstâncias em que a anormalidade ocorre auxilia bastante a escolha das medidas a serem adotadas.

BEAVER (4) considera que qualquer medida corretiva exigirá tempo, esforço e muita imaginação por parte do proprietário. Ele afirma que em alguns casos, ignorar o problema é o melhor que se pode fazer. A presença do proprietário ou seus gritos para fazer o animal parar de latir pode funcionar como um estímulo, pois de uma maneira ou de outra, esses atos aproximam o proprietário de seu animal e a distância entre os dois pode ser a causa principal da anormalidade. Ele recomenda, também, outras medidas como: sem que o cão veja, o dono lhe envie uma rajada de água na hora que ele estiver latindo sem motivo. As coleiras que emitem sons, por estímulo, funcionam razoavelmente bem. Existem as coleiras que dão choque. Este método apesar de ser muito severo e desagradável é o que resolve bem o problema.

BRUNINI et alii (10) descrevem Jean, um cão da raça Poodle, que tinha o hábito de chorar constantemente, sem qualquer motivo aparente, chorava para pedir comida, objetos, quando os proprietários se ausentavam de casa, mesmo deixando outras pessoas em sua companhia, durante toda a madrugada, enquanto a pessoa que ele mais gostava, na casa, não chegasse. Quando os proprietários de Jean recebiam visitas, ele ficava estusiasmado, pedindo carinho, nunca se satisfazia e acabava se masturbando nas pessoas. Os problemas de masturbação e choro se acentuaram, após a realização de um casamento na família. Quando voltava da casa dos proprietários da cadela com que ia cruzar, o choro tornava insuportável. Para solucionar esses distúrbios do comportamento, providenciaram a ida, para junto de Jean, de um de seus irmãos. A situação piorou dramaticamente, pois, além dos latidos e choros ininterruptos, o seu irmão não podia receber qualquer tipo de atenção, pois a crise se agravava. Sessenta dias após receber uma única dose de 200CH de *Pulsatilla*, tornou-se bem mais calmo. Não chorou mais, como antes, e os carinhos não acabavam em masturbação.

Ao citar exemplos de tratamento homeopático para vários tipos de afecções, ARENALES (2) descreve o caso de um cão de nome Bijou, que além

de seus distúrbios físicos como cegueira por catarata, era considerado, pelos proprietários, como um problema sério pois ele "não batia bem da cabeça". Entre seus sintomas mentais havia o da vocalização. Gritava e pulava sem parar. Após a medicação escolhida de acordo com a repertorização, depois de alguns meses, Bijou ainda latia, mas com intensidade bem diminuída.

A literatura a respeito do distúrbio de vocalização dos gatos é bem escassa. ARENALES (2) cita casos em que os gatos miavam e gemiam quando os proprietários recebiam visitas, ou o dono afagava alguma criança, e mesmo para avisar que outro felino estava em lugares altos ou fazendo alguma coisa errada. Este era apelidado, pela dona, como "dedo duro".

A maioria dos animais reclamam de seus proprietários a falta de carinho e estão sempre pedindo para serem carregados no colo, este desejo é manifestado, geralmente, por latidos, miados, choro, etc. Chaninha, uma gata Siamesa, era diferente, segundo ARENALES & STORACE (3), quando colocada no colo ou era tocada com as mãos, começava a emitir um miado forte e sentido.

### 3.4 - DESTRUIÇÃO

O ato de destruir dos cães e dos gatos é realizado, normalmente, utilizando-se os dentes e as unhas, respectivamente, como uma característica hereditária.

BEAVER (4) afirma em seu trabalho que os responsáveis por este distúrbio do comportamento, nos cães, são os vários tipos de estresse. O primeiro citado é o confinamento do animal em um pequeno espaço. As raças de grande porte foram desenvolvidas para trabalhar no campo, em áreas extensas, puxar veículos por milhas e milhas, passar o dia caçando nas florestas, etc. Para que eles gastem a energia armazenada, obtida através das rações de boa qualidade que geralmente recebem, precisam desenvolver muitas atividades. Como isto não acontece, eles direcionam os exercícios para morder objetos como móveis, roupas, plantas, estruturas da casa, equipamentos de jardim, etc. Como segundo tipo de estresse, o Autor menciona a "ansiedade por separação". Como medida corretiva, no primeiro tipo de estresse, ele aconselha exercícios constantes dentro de casa ou nas ruas e parques. As medidas aconselhadas para tratar o estresse causado pela "ansiedade por separação" serão apresentadas posteriormente.

Para exemplificarmos o segundo tipo de estresse, citamos o trabalho de BRUNINI, et alii (13) que relatam o caso de uma cadela de nome Pepita, da raça Daschund, que foi habituada a sair com seus proprietários a todos os lugares. Na ocasião em que teve de ficar, em casa, sozinha, num período de tarde, destruiu completamente o batente e a face interna da porta principal, de maneira tal que as pessoas não conseguiam abrí-la normalmente. Todos ficaram surpresos pela capacidade de destruição daquele animal de apenas seis quilos.

Os gatos destroem os objetos pela arranhadura, mastigação e pela sucção.

Em seu trabalho sobre a destruição pela arranhadura, LANDSBERG (23) cita que o comportamento dos gatos de arranhar os objetos é considerado normal, por quatro motivos principais: marcação visual e olfativa de seu território, exercitar seus membros anteriores e promover um desgaste das camadas velhas de suas unhas. Quando o gato tem acesso diário a uma área onde possui uma árvore ou um poste de madeira, ele não arranha objetos dentro de casa, mas quando ele fica confinado, passa a utilizar as partes verticais ou inclinadas das poltronas, cadeiras, paredes e outros objetos duros para satisfazer suas necessidades. Diariamente, durante as corridas, pulos e brincadeiras dos felinos, eles podem, inadvertidamente, arranhar superfícies de outros móveis e mesmo as pessoas, ferindo-as.

MELLO FILHO et alii (26) descrevem o caso de Máscara negra, um gato cuja inquietude aumentava e que se tornava mais agressivo, quando olhado, pelas pessoas. Ao brincar com objetos, normalmente, os quebrava e com as pessoas, deixava-as feridas. Seu sono também era inquieto com gritos e miados. Após receber uma única dose de *Tuberculinum*, 10.000 C, tornou-se calmo e conservador.

Várias são as medidas recomendadas para evitar que os gatos arranhem os objetos de uma casa e as pessoas. Para VOITH (36), três são as indicações: deixar à disposição do gato um objeto semelhante a um pequeno poste coberto com carpete ou feito de um material que o animal aprecie, punição que pode ser feita com jatos de água e, por último, a oniectomia.

Em seu trabalho, LANDSBERG (23) descreve, com detalhes, as maneiras que devem ser usadas para se evitar a arranhadura de objetos e pessoas pelos gatos. Alguns autores citados em seu trabalho defendem a

escolha criteriosa dos filhotes, pois se a mãe não possui este hábito, seus descendentes não aprenderão destruir desta maneira. Recomenda o Autor: escolha adequada de ambiente para o animal, colocação de poste preparado para tal fim, treinamento dos animais e punição através de aparelhos com controle remoto. Ele desaconselha a oniectomia pois além das conseqüências imediatas (infecção, gangrena, osteíte, etc.) ela pode provocar, a médio e a longo prazo, cistite, asma, lesões de pele, fraqueza muscular e afetar o relacionamento social do gato, em seu ambiente.

Outros dois tipos de destruição indicados, pelos estudiosos, são a mastigação e a sucção de objetos. HOUP (22) descreve esses distúrbios do comportamento em gatos que destroem, pela mastigação, roupas, fios de telefone, fitas, etc. Alguns animais adquirem o hábito de succionar roupas, pele e cabelo das pessoas e, até mesmo, mamilos de outros gatos e dos cães. O Autor afirma que as razões pelas quais os gatos assumem este comportamento são obscuras.

ARENAL (2) quando interpreta o significado das rubricas do Repertório de Kent, enfatiza quando menciona Destrutividade: "... Condizente com o significado, destruir não significa quebrar, estilhaçar, romper objetos, e sim desfazer as relações entre as pessoas. Pituco, um gato sem raça definida, convive com outros cinco gatos. Se os demais estão brincando entre sí, Pituco interrompe. Desfaz a brincadeira, caso o proprietário acaricie algum deles, chama a atenção, ou gritando ou derrubando um objeto. Consegue desfazer o carinho. Este mesmo sintoma pode ter o uso específico de destruição de roupas"

### 3.5 - CAVAÇÃO

A cavação do solo, pelos animais, quando não tem como objetivo esconder algum tipo de alimento, é considerado, também, como um distúrbio do comportamento.

BEAVER (4) descreve dois tipos de cavação, pelos cães. Um que ocorre dentro de casa e outro em áreas externas. Não só os tipos, como também o local cavado, dentro de cada área, tem sua causa específica. Dentro de casa, parece que são duas as causas principais. Uma para tentar obter um equilíbrio térmico. Este tipo de cavação ocorre mais no verão e no inverno. Os cães cavam os tapetes e carpetes, parece que para conseguir um equilíbrio da temperatura,

nestes casos os proprietários devem usar ventiladores ou cobertores, para evitarem este tipo de comportamento. Quando o cão cava o solo, nas proximidades das portas, significa, segundo o Autor, "ansiedade por separação". Se os animais que possuem este hábito são considerados idosos, recomenda-se os exames para diagnóstico de hipotireoidismo.

No caso da cavação que ocorre nas áreas externas, BEAVER (4) interpreta a localização dos buracos de três maneiras. No verão, quando o animal cava, no período da tarde, na sombra, próximo das plantas, ele procura um local para se refrescar e consegue com mais facilidade, pois nestes lugares a terra é fôfa. Neste caso, o proprietário pode providenciar uma fonte com água que ajudará o equilíbrio térmico do cão. Quando a cavação ocorre perto dos portões ou muros e cercas significa que alguma atividade interessante, para o cão, está ocorrendo do outro lado. Quando a cavação ocorre no centro de um canteiro ou do quintal significa que o cão está procurando pequenos animais que vivem no solo. Alguns proprietários procuram a solução do problema enchendo o buraco com água, esfregando a cabeça do animal no buraco, ou colocando tela naquela superfície, mas essas medidas podem resolver o problema apenas temporariamente, mas logo depois, se este distúrbio de comportamento não voltar, o animal adquire outro, pois o verdadeiro motivo que gerou tal problema não foi controlado. O Autor acredita que, nestes casos, os medicamentos não serão eficientes e o mais recomendado é tentar modificar os hábitos do animal ou arranjar um outro cão para servir de companhia. Os animais, quando colocados no quintal, acabam ficando isolados de seus proprietários e sabe-se que eles devem ter contato de, no mínimo trinta minutos, por dia, de preferência divididos em diferentes horas do dia.

Com o objetivo de realizar uma amostragem sobre as características dos cães e seus ambientes, para tentar uma identificação consistente sobre o comportamento de cavar, ADAMS & GRANDAGE (1) distribuíram às pessoas, nos parques, "shopping centers", ruas e em vários locais de trabalho, na cidade e região de Perth, na Austrália, um questionário contendo 25 perguntas. Para análise, utilizaram apenas 100 preenchidos totalmente. Os resultados revelaram que 83% dos proprietários disseram que seus cães cavavam o solo. Para 73% dos entrevistados, os buracos eram feitos próximos da casa. Os autores comparam, estatisticamente, as diferenças entre tipos e hábitos diários dos animais, tamanho das áreas e características dos buracos; e a que os proprietários responsabilizava o desencadeamento deste distúrbio, bem como, o

que era feito para evitá-lo. As respostas foram as mais variadas e as medidas para evitar o comportamento incluía a colocação de ratoeiras armadas e fezes do cão dentro do buraco, além do uso de pimenta nas narinas do animal. Concluíram os autores que a cavação é um hábito normal dos cães, que a causa continua desconhecida, mas implica uma motivação multifatorial, nenhuma sugestão plausível para evitar esse hábito foi apresentada, pelos proprietários; não obstante, dizem os autores: é tentador sugerir que o comportamento de cavar pode ser modificado pelo aumento de contato do proprietário com seu cão.

Para exemplificarmos este distúrbio de comportamento, citaremos o caso de Akira, um cão da raça Akita que tinha, na época do atendimento, dois anos e dois meses de idade. O motivo principal do chamado domiciliar foi um comportamento estranho que o animal desenvolveu. Até 3 dias antes, ele tinha hábitos considerados normais, a partir daí, começou a cavar o solo do quintal, danificando parte do jardim e do gramado. Geralmente ele cavava no período da tarde e antes de iniciar o ato, andava de um lado para o outro, orelhas caídas, pêlos do lombo ligeiramente eriçados, cabisbaixo, sem atender aos chamados da dona. Às vezes queria entrar dentro da casa. Quando iniciava a cavação, salivava em abundância. Ele vivia no quintal e durante o dia, todos os membros da casa estavam ausentes, exceto uma empregada doméstica que cuidava dele, para a qual ele mantinha respeito e gostava muito. A doméstica saiu de férias por dez dias e ele passava a maior parte do tempo sozinho. Depois de regressar, permaneceu na casa por alguns dias, tendo que se ausentar, novamente, por mais um dia e foi, justamente, nesta segunda ausência que ele iniciou este tipo de comportamento. Anteriormente, ele tinha o hábito de lambem, compulsivamente, um de seus membros anteriores. A proprietária nos informou que tinha a impressão que o cão ficava aborrecido com seu ato e "sabia" que estava fazendo alguma coisa errada. Ele não recebia qualquer tipo de punição, ela simplesmente queixava do estrago que ele havia feito. Após a repertorização, baseada nos sintomas mentais do animal, pois os únicos sintomas físicos encontrados eram um desgaste exagerado do esmalte dos dentes e, às vezes, um corrimento purulento do prepúcio, o cão foi medicado com *Arsenicum album*, 200 CH, em dose única. Vinte dias após, fomos informados que Akira, mesmo com o seu afastamento definitivo da empregada doméstica que se demitiu, não cavava mais o solo e que se lambia bem menos. Dois meses após, recebeu o medicamento na potência 240 CH e decorridos oito meses, tudo passou a ir bem com ele. A informação recente que tivemos, por telefone, é que Akira está, novamente, equilibrado e ótimo, sem qualquer tipo de problema.

#### 4 - ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO

A "Ansiedade por separação" é um fenômeno que atinge a maioria das espécies, dos insetos aos primatas (BORCHELT & VOITH 6). Não resulta de um vida doméstica carente, mas provavelmente representa uma super-reação (PARKER 30).

Em sua revisão sobre o assunto, McCRAVE (25) afirma que alguns animais nunca sofreram por causa deste tipo de ansiedade devido ao fato de que raramente ficaram sozinhos, moram em casa que sempre existe uma pessoa ou acompanham seus proprietários a todos os lugares por onde vão. Se houver uma troca repentina de tais circunstâncias, eles exibirão, por certo, os sintomas deste fenômeno. Os cães que padecem deste tipo de ansiedade, geralmente, têm uma parte comum em suas histórias. Muitas vezes o cão que suportava, anteriormente, a separação passa a sofrer de ansiedade, mormente após experimentar uma separação brusca. Isso ocorre depois de uma permanência mais longa próximo de seu dono nos casos de doença deste, período de desemprego, férias e, mesmo, mudança drástica no horário de seu proprietário. Outros fatores que desencadeiam ou precipitam o aparecimento da "ansiedade por separação" são a morte de outro animal ou de pessoa da casa.

Está comprovado, que no caso dos cães, esta ansiedade ocorre mesmo nos animais obedientes e amigáveis, basta apenas que o animal se separe da pessoa com quem mantém um vínculo social grande. As primeiras pesquisas, em laboratório, para estudar o assunto, segundo BORCHELT & VOITH (6) foram feitas em 1935, por Lorenz, que elegeu como material biológico, os pássaros. Os primeiros estudos sobre o comportamento dos cães, frente à separação, foram realizados 38 anos após. Os autores citam, como modificação no comportamento, devido à separação: vocalização, eliminação, destruição, falta de apetite e de sede. Os proprietários dizem que o animal apresenta-se triste, deprimido e atordoado, antes de suas partidas. Quando o período de ausência é prolongado, ocorre depressão com anorexia e letargia. Em alguns casos, sintomas fisiológicos surgem: diarreia, vômito, sangue nas fezes, aumento da frequência respiratória, taquicardia e os animais podem provocar injúrias em seu corpo, como: succionam ou arrancam pêlos e lambem compulsivamente, partes de seu corpo. Às vezes, o cão se torna agressivo, antes da partida do dono, e demonstra isso latindo, rosnando, segurando o dono com as patas ou a boca, ou

mesmo, mordendo-o. O reencontro dos cães com seus donos, após a separação, é comemorado com todos os seus sentidos e efusivamente. Os proprietários os classificam como hiperativos. Os autores afirmam que não se conhece a razão pela qual o animal se engaja neste tipo de problema.

As primeiras indicações de procedimentos destinados ao tratamento dos distúrbios de comportamento causados pela "ansiedade por separação", nos cães, foram publicadas por BORCHELT & VOITH (6). Quatro foram as maneiras apontadas pelos autores: Treinamento para obediência, punição, confinamento e técnica de exposição. O treinamento pode reduzir o problema mas também pode ser totalmente irrelevante. O método da punição pode ser realizado de duas maneiras. Na primeira, o proprietário finge que sai de casa, mas sem que o cão perceba, ele volta e fica escondido. Quando o animal iniciar o ato indesejável, o proprietário deve pegá-lo pela coleira ou pescoço e sacudí-lo gritando a palavra "não" ou agitando, em seus ouvidos, uma pequena lata cheia de moedas ou pedriscos. Este método pode causar efeitos indesejáveis. Ao invés do animal ficar curado, ele passa a apresentar outro distúrbio. Na segunda, além de funcionar como corretivo imediato, pode ser utilizado para ligar um ato realizado a mais tempo ao seu descobrimento posterior. Neste caso, é importante ter em mente que o cão pode associar, segundo os autores, a punição à chegada do dono e sempre adotará uma postura de submissão e de medo na presença do dono. O proprietário aplica na boca e focinho do cão um pouco de álcool, pasta de fumo ou pimenta e, logo em seguida, aplica no local onde ele realizou o ato, o mesmo produto. Este método é mais indicado na eliminação. No caso de destruição, especialmente por sucção ou mastigação, recomenda-se amarrar na boca ou pescoço do animal, o objeto danificado. Este método pode funcionar para suprimir o distúrbio, mas não diminui a ansiedade. A terceira indicação é o confinamento, em área restrita ou gaiola. Este método pode exacerbar o problema da "ansiedade por separação", principalmente, se ela já for severa, desenvolvendo, no animal, o distúrbio da vocalização, destruição e auto-mutilação. A quarta maneira de tratar o distúrbio do comportamento provocado pela "ansiedade por separação" indicada, pelos autores, é pela técnica de exposição, já empregada para sanar o problema de medo em pessoas e animais. Em essência, o método estabelece que a exposição ao estímulo que provoca o comportamento deve ser gradual, para manter a ansiedade com o mínimo de intensidade possível. Este método exige muito tempo, esforço e paciência. Os autores recomendam, por curto tempo, os medicamentos como diazepam,

progestinas e amitriptilina e alertam que os tratamentos devem ser associados e variados e que nem sempre eles funcionam por longo período de tempo.

Dentre os métodos indicados para tratar a "ansiedade por separação", BEAVER (4) enfatiza as sessões de treinamento que são as exposições metódicas e controladas, indicadas por outros autores. Tais sessões devem ser conduzidas paralelamente à rotina diária normal do proprietário. Inicialmente, deve ser estabelecido, com muita cautela, o estímulo que desencadeia a ansiedade, pode ser o barulho das chaves da porta da casa ou as do carro, os movimentos na cozinha, o desligar do rádio ou o da televisão, etc. O estímulo deve ser minimizado. A partir daí, o proprietário deve fornecer ao animal, algum brinquedo de sua preferência ou um osso de couro ou qualquer objeto de seu agrado e que chamará sua atenção, pelo período em que o proprietário estiver fora. Este tempo não pode ser longo e o proprietário deve estar de volta antes que o animal perceba a sua ausência e comece a ter ansiedade. Gradualmente, o tempo de permanência fora de casa deve ser aumentado. Se houver alguma recaída, no decorrer do tratamento, o espaço de tempo não poderá ser aumentado. Quando o proprietário ficar fora, por longo tempo e o animal não apresentar ansiedade, as sessões de treinamento serão substituídas pela rotina diária. Um fator importante é a postura do dono do animal, por ocasião de suas saídas e retornos. Antes de sair, deve reinar, pelo menos durante trinta minutos, um ambiente de calma. A despedida deve ser simples e seca, apenas um "tchau". Ao regressar, o proprietário deve manter a mesma postura e dar apenas um "alô". Decorridos alguns minutos de sua chegada, após algumas atividades dentro da casa, é que o proprietário vai voltar e brincar com seu animal.

Em seu trabalho sobre os distúrbios do comportamento, VOITH (36) cita a necessidade de se fazer uma anamnese bem feita para detectar todas as circunstâncias que envolvem a "ansiedade por separação". Ela discorre sobre seis maneiras utilizadas no tratamento do fenômeno: 1) acostumar o animal a ficar sozinho, deixando-o por pouco tempo, no início, e aumentando, paulatinamente, o tempo de separação; 2) manter os animais dentro de gaiolas, já mencionadas e que a Autora contra indica; 3) punir o animal, terá como resultado, um aumento da ansiedade; 4) a manutenção do animal em um hotel canino ou contratar um "dog sitter" ou guardador de cães, durante o período de ausência do proprietário; 5) a construção de "um quarto à prova de cães" indicado

por algumas pessoas, mas condenado pela Autora e finalmente 6) a medicação ansiolítica.

Quanto à maneira de se usar a medicação ansiolítica no tratamento da "ansiedade por separação", a Autora alerta que o animal não deve ser sedado e que a escolha da medicação fica na dependência de experimentação, pois ela deve ser escolhida de acordo com o animal. No início, é aconselhável que o proprietário permaneça na residência devido ao risco do aparecimento de algum efeito colateral. As drogas de escolha são: antidepressores triciclídicos, progestinas, fenotiazinas e benzodiazepínicos. Os medicamentos não devem ser utilizados concomitantemente com as sessões de treinamento. O esquema deve ser escolhido individualmente. Após 15 a 20 ausências do proprietário, sem ansiedade para o animal, a dose do medicamento é reduzido pela metade e assim sucessivamente. Quando a medicação se mostrar ineficaz, usar a amitriptilina na dose de 2 a 4 mg por kg de pelo vivo, por via oral, uma hora antes da partida. Para a Autora, esta é a droga mais efetiva. Todos os medicamentos possuem as contra indicações devido aos efeitos colaterais e isto os clínicos precisam ficar alertos. Outras maneiras de tratar e prevenir o mal são indicados pela Autora, como: a colocação de outro cão para companhia e as escolas de obediência; mas todas elas, também, têm suas limitações.

De acordo com VOITH (35), além do uso dos psicotrópicos no tratamento dos distúrbios do comportamento dos animais, os pesquisadores franceses começaram a estudar, também, o uso da homeopatia com a mesma finalidade.

Os resultados dos inúmeros trabalhos desenvolvidos por Hahnemann e seus seguidores, produzidos no fim do século dezenove e princípio deste, estão apresentados de maneira prática, No Moderno Repertório de Kent (EIAZAYAGA 17), onde encontramos os sintomas e os respectivos medicamentos que os produzem ou os curam. Apesar desses trabalhos terem sido conduzidos objetivando o homem, nada impede que sejam usados para a cura dos animais e isto fica claro nas próprias palavras de Hahnemann (ARENALES 2). Neste Repertório, encontramos entre as rubricas e sub-rubricas da sessão psiquismo, quatro sintomas que registram 164 medicamentos e que podem ser utilizados para auxiliar no tratamento dos animais que sofrem de "ansiedade por separação". Estes sintomas são: Desejo de companhia (78 medicamentos), Ansiedade quando está só (18), Só agrava (44) e Tristeza só (24). Podemos

constatar, após uma rápida análise, que 6 medicamentos sofrem dos 4 sintomas; 12 sofrem de 3; 30 sofrem de dois e, finalmente, 44 sofrem de um dos sintomas.

## 5 - DISCUSSÃO

Os levantamentos realizados para se conhecer o grau de união entre as pessoas e seus animais de companhia e as causas que provocam o rompimento desta união são encontrados, na literatura, em número bem reduzido. Um dos mais completos foi o apresentado por VOITH (34). O método utilizado foi o dos questionários fornecidos, para preenchimento, aos proprietários, nas dependências de Faculdade de Veterinária, onde as pessoas procuravam recursos para solucionar problemas físicos e comportamentais de seus animais. Estes modelos de levantamentos devem ser analisados e interpretados com certa cautela, considerando o tipo de proprietário, bem como o ambiente em que vivem os animais, pois os mesmos podem ser mantidos em ambientes mais fechados onde não manifestam o distúrbio de cavar o solo, categoria de distúrbio que preocupou outros estudiosos como é o caso de ADAMS & GRANDAGE (1) Neste estudo, os pesquisadores levaram os questionários, aos proprietários, em seus próprios ambientes. Assim não houve qualquer tipo de seleção na amostragem.

As diferentes causas que determinam o comportamento normal e anormal dos animais tem defensores nas diversas áreas de conhecimento. Para os bievioristas a técnica ou o método definitivo ainda está para ser escolhido (DAWKINS 16). Do ponto de vista do clínico veterinário alopata (REINER 31), (PARKER 30), as causas são variadas, mas os autores enfatizam os distúrbios orgânicos. Do ponto de vista homeopático (ARENALES 2), a energia vital, desequilibrada pelas emoções, é a maior responsável pelos distúrbios físicos e comportamentais. A existência desta energia e a sua atuação sobre o comportamento foi mencionada por Lorenz, citado por DAWKINS (16) que afirma a não aceitação desta teoria entre os estudiosos do comportamento. A maioria dos distúrbios de comportamento foi apontada como sendo consequência da ansiedade, principalmente a denominada "por separação" e foi estudada por McCRAVE (25). Como o assunto vem tomando grande vulto, VOITH (35) historiou o desenvolvimento do mesmo, mostrando o interesse maior das duas áreas terapêuticas da veterinária: alopática e homeopática.

A agressividade dos cães e dos gatos foi estudada em vários aspectos como: causas, circunstâncias em que ocorre, diferentes tipos de

tratamentos: educacional, farmacológico, cirúrgico e mesmo elétrico por PARKER (30), WHIGHT (37), VOITH (36) e CHAPMAN (15). Todos esses autores trataram do assunto do ponto de vista geral e concluíram que os tratamentos não são totalmente eficientes, alguns devem ser adotados associados e recomendam cautela na escolha do mais adequado, devido aos efeitos deletéricos de alguns. Identificando distúrbios do comportamento de animais causados pelo desequilíbrio da energia vital, através da seleção de medicamentos pelo Repertório de Kent (EIZAYAGA 17) e tratando os mesmos, individualmente, os autores ARENALES (2), BRUNINI et alii (7), (8), (11), (12), GIORGI et alii (21), VELMULN et alii (33), BRUNINI & ARENALES (14) tiveram sucesso, não só no tratamento, mas estabelecendo, ainda, a causa fundamental de cada caso de agressividade.

A recomendação de se fazer uma extensa anamnese para conhecer, em profundidade, os detalhes do problema, em busca de uma medida cabível, foi feita por quase todos os autores consultados, mas mais enfatizada por PARKER (30) e VOITH (36).

O problema da eliminação, considerado como resultante da "ansiedade por separação", por vários autores (BEAVER 4), (BORCHELT 5), (BORCHELT & VOITH 6), (McCRAVE 25) e (PARKER 30), ocupa o primeiro lugar nos levantamentos feitos, entre os proprietários de felinos, por VOITH (34) e CHAPMAN (15). Estudado, também, nos mesmos aspectos do problema agressividade, pelos autores citados anteriormente, mais os pesquisadores VOITH (36) (REINER 31) (BORCHELT 4), os resultados dos diferentes tratamentos não foram, também, satisfatórios. Para corroborar com a indicação da emoção interferindo no distúrbio do comportamento, BRUNINI et alii (7) descreveram o caso de animal que urinava nos objetos de seu dono, quando contrariado. Mesmo o distúrbio do comportamento que atacou um gato, provocado por um problema de afecção, tendo sido tentado todo o tratamento alopático e cirúrgico, como os indicados por FINCO (19) GASKELL (20), LEES & OSBORNE (24), OSBORNE & LEES (27), OSBORNE, et alii (28) (29) e TOMICHICK & GREENE (32), somente após ter sido tratado pela homeopatia (BRUNINI et alii 9) é que teve seu problema solucionado.

No caso da vocalização, eliminado também os problemas de afecções (PARKER 30), resta os causados pela ansiedade (BEAVER 4) como os descritos por ARENALES (2) e ARENALES & STORACE (3). Os tratamentos

para corrigir este tipo de comportamento, quando eficiente, apresentou resultado desagradável (BEAVER 4). Nos tratamentos homeopáticos feitos com sucesso por BRUNINI et alii (10) e ARENALES (2) não foram registrados qualquer efeito desaconselhável.

Nos cães, o comportamento de destruição é causado pelo estresse (BEAVER 4) e exemplo de um caso foi relatado por BRUNINI et alii (13). Os gatos, destroem por arranhadura, comportamento considerado normal, nesta espécie (LANDSBERG 23) e que pode ser dirigido a objetos e às pessoas (MELLO FILHO et alii 26). Para solucionar o problema, o tratamento homeopático (MELLO FILHO et alii 26) foi o mais eficiente, pois o cirúrgico indicado por VOITH (36), foi intensamente condenado por LANDSBERG (23) devido às conseqüências graves advindas deste processo. Outros tipos de destruição, pelos gatos, foram relatados, como: mastigação e sucção (HOUPPT 22) e até de relacionamento entre animais (ARENALES 2).

A cavação, considerada comportamento normal nos cães (ADAMS & GRANDAGE 1), foi descrita com detalhes por BEAVER (4) e ADAMS & GRANDAGE (1) que afirmam desconhecer as causas que levam o animal a cavar o solo. Neste assunto, tivemos pessoalmente, sucesso absoluto quando tratamos, através da homeopatia, um cão que sofreu ansiedade por se separar de pessoa que gostava.

A "ansiedade por separação" foi referida em todos seus aspectos (etiologia, circunstâncias em que ocorre e tratamentos) por BORCHELT & VOITH (6), PARKER (30), McCRAVE (25) e VOITH (36). Todos os tratamentos indicados foram ineficientes a não ser os realizados através da homeopatia e já mencionados anteriormente.

Enquanto pesquisadores de alguns setores estavam ou estão preocupados em desvendar os mistérios que envolvem as causas que desencadeiam os distúrbios do comportamento, Hahnemann, o descobridor da homeopatia, e seus seguidores, já no século passado, conheciam as causas e a maioria dos medicamentos que curavam tais distúrbios.

## 6 - CONCLUSÕES

1) A maneira mais viável de se conhecer a incidência dos distúrbios do comportamento dos animais de companhia é através do preenchimento de questionários, distribuídos aos proprietários desses animais.

2) Nosso país é carente de informações próprias.

3) Nas análises dos resultados, deve-se levar em consideração, entre outras características, as regionais e condições em que os distúrbios ocorrem.

4) Uma anamnese mais completa possível e um exame clínico são instrumentos imprescindíveis para se estabelecer os fatores que geram os distúrbios do comportamento.

5) Os tratamentos farmacológicos e cirúrgicos, para combater os distúrbios do comportamento dos animais de companhia, foram os mais condenados.

6) Os tratamentos mais eficientes na cura e controle dos distúrbios do comportamento dos cães e dos gatos foram os realizados através da homeopatia.

7) No caso de insucesso no tratamento acima mencionado, deve-se complementá-lo com as técnicas de mudança ou adaptação de comportamento do proprietário e seu animal.

## 7 - RESUMO

Este trabalho, resultado de uma consulta bibliográfica, teve como objetivo principal apresentar as causas e diferentes tratamentos de alguns distúrbios do comportamento dos cães e dos gatos mantidos como animais de companhia.

Baseando-se nos trabalhos que analisaram questionários respondidos por proprietários desses animais, em diferentes locais nos Estados

Unidos e Austrália, selecionou-se para estudo: agressividade, eliminação (fezes e urina), vocalização, destruição e cavação.

Os distúrbios do comportamento foram apresentados, separadamente, abrangendo-se as causas, circunstâncias em que ocorrem e seus tratamentos que incluíram o alopático, cirúrgico, comportamental e homeopático.

Considerando-se que "ansiedade por separação" foi responsabilizada como principal desencadeador dos distúrbios de eliminação, vocalização, destruição e cavação, teceu-se comentários mais demorados sobre este tema.

## 8- SUMMARY

This paper is a result of literature revision and has as aim to know the causes and the best treatments of the abnormal behavior of the companion animals.

The choice of the abnormal behavior for presentation was based on the result of the questionnaires filled by the owners in different part of the United States and Australia. The abnormal behaviors selected for presentation were aggression, elimination behaviors, vocalization, destructive behaviors and digging.

The abnormal behaviors were presented separately in different point of view, causes, proper diagnosis and treatments (pharmacologic, nonpharmacologic and homeopathic).

As separation anxiety is very important and causes many of the abnormal behavior in companion animals it was discussed more deeply.

## 9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1) ADAMS, G.I & GRANDAGE. J.  
Digging behavior in domestic dogs.  
Aust. Vet. J., Melbourne, 66(4): 126, 1989.

- 2) ARENALES, M.C.  
Sintomas mentais dos animais domésticos "Uma visão antropomórfica".  
São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1995. 276 p.
- 3) ARENALES, M. C. & STORAGE, J.  
*Antimonium crudum*.  
In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*, vol V.  
São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1994, p 21-34.
- 4) BEAVER, B.  
Nonpharmacologic management of common behavioral disorders. In:  
BONAGURA, JD. *Kirk's Current veterinary therapy XII, Small animal practice*.  
Philadelphia, W.B. Saunders Company, 1995, 84-87p.
- 5) BORCHELT, P. L.  
Cat elimination behavior problems.  
*Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract.*, Philadelphia, 21(2): 257-264, 1991.
- 6) BORCHELT, P.L. & VOITH, V.L.  
Diagnosis and treatment of separation-related behavior problems in dogs.  
*Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract.*, Philadelphia, 12(4): 625-635, 1982.
- 7) BRUNINI, C., STORAGE, J., ROMANO, M.; ARENALES, M.C.  
*Hyocyamus*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*, vol I, 2ªed. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1982. p. 79-94.
- 8) BRUNINI, c., MOREIRA NETO, O. & ARENALES, M.C.  
*Stramonium*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*, vol I, 2ªed. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1982. p 179-197.
- 9) BRUNINI, C., GOMES, M.L.P. & ARENALES, M.C.  
*Arsenicum album*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*. vol II, 2ªed. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1982. p 43-59.
- 10) BRUNINI, C. & ARENALES, M.C.  
*Pulsatila*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*, vol II, 2. ed. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1982. p 189-200.
- 11) BRUNINI, C., SAMPAIO, M.; GOMES, M.L.P.; ARENALES, M.C.  
Lachesis. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*. vol III. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1993. p 97-114.
- 12) BRUNINI, C., SAMPAIO, M.; ARENALES, M.C.  
*Bryonia alba*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. *Matéria Médica Homeopática Ibehe*. vol IV. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1993. p 19-34.

- 13) BRUNINI, C. ; COFIEL, F.A; ARENALES, M. C.  
*Fosforicum acidum*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. Matéria Médica Homeopática Ibehe. vol IV. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1993. p 129-141.
- 14) BRUNINI, C. R. D. & ARENALES, M. C.  
*Ipeca*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. Matéria Médica Homeopática Ibehe. vol VI. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1994. p 103-114.
- 15) CHAPMAN, B.L.  
Feline aggression. Classification, diagnosis, and treatment.  
Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21 (2): 315-327, 1991.
- 16) DAWKINS, M. S.  
Explicando o comportamento animal.  
Trad. por C. C. Alberts. São Paulo, Editora Manole Ltda., 1989, p 45-99.
- 17) EIZAYAGA, F. X.  
El moderno repertorio de Kent, Buenos Aires, Argentina, Ediciones Marecel, 1992. p. 1-95.
- 18) FERREIRA, A.B.H.  
Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1975. p 52, 345.
- 19) FINCO, D.F.  
Síndrome urológica felina: Controle do Paciente.  
In: KIRK, R.W. ed. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por A. F. R. Alves, F. G. Nascimento e R. C. Barnabe. São Paulo, Editora Manole, 1984. p 1324-1327.
- 20) GASKELL. C.J.  
Sistema urinário. In: CHANDLER, E. A; HILBERY, A.D.R; GASKELL, C. J. eds. Medicina e Terapêutica de Felinos. Trad. por F.G. Nascimento e S.C.A.G. Nascimento. São Paulo, Ed. Manole, Ltda., 1988. p 150-169.
- 21) GIORGI, J., SPOTTI, M. R M.; GOMES, M. L. P.; ARENALES, M. C.  
*Tarentula hispanica*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. Matéria Médica Homeopática Ibehe vol IV. - São Paulo. Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1993. p 181-196.
- 22) HOUPPT, K. A.  
Feeding and drinking behavior problems.  
Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21 (2): 281-298, 1991.
- 23) LANDSBERG, G. M.  
Feline scratching and destruction and the effects of declawing.  
Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia. 21(2): 265-279, 1991.

- 24) LEES, G.E & OSBORNE, C.A.  
Síndrome urológica felina: Remoção de obstruções uretrais e utilização de cateteres uretrais fixos. In: KIRK, R. W. ed. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por A.F.R. Alves, F.G. Nascimento e R.C. Barnabe. São Paulo, Editora Manole, 1984. p. 1327-1333.
- 25) McCRAVE, E. A.  
Diagnostic criteria for separation anxiety in the dog.  
Vet. Clin North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21(2): 247-255, 1991
- 26) MELLO FILHO, N.; BRUNINI, C.; ARENALES, M. C.  
*Tuberculinum*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. eds. Matéria Médica Homeopática Ibehe. vol VI. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1994. p 167-177.
- 27) OSBORNE, C.A. & LEES, G.E.  
Síndrome urológica felina: Aspectos clínicos de profilaxia.  
In: KIRK, R. W. eds. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por A.F.R. Alves, F.G. Nascimento e R.C. Barnabe. São Paulo, Editora Manole., 1984, p.1333-1338.
- 28) OSBORNE, C. A; KRUGER, I. M.; POLZIN, D. J., McMENOMY, M. F.  
Desintegração médica e prevenção do cálculo (urólito) estruvite felino. In: KIRK, R. W. ed. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por F.G. Nascimento, S.C.A.G. Nascimento, S.A.A. Ribeiro, R.C. Barnabe, F. Honmaito, A. Gelman, H. Goldstein e N.L. Fobé. Editora Manole Ltda., 1988, p 1498-1507.
- 29) OSBORNE, C.A; POLZIN, D.J., JOHNSTON, G.R; KRUGER, J.M.  
Controle médico da síndrome urológica felina. In: KIRK, R. W. ed. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por F. G. Nascimento, S.C.A.G. Nascimento, S.A.A. Ribeiro, R Barnabe, F. Honaito, A. Gelman, H. Goldstein e L. Fobé, Edit. Manole Ltda., 1988. p 1508-1519.
- 30) PARKER, A. J.  
Sintomas comportamentais de afecção Orgânica. In: ETTINGER, S. J. ed. Tratado de Medicina Interna Veterinária. Trad. por S.A.G. Nascimento e F.G. Nascimento. São Paulo. Editora Manole Ltda., 1992. p 74-78.
- 31) REISNER, I.  
The pathophysiologic basis of behavior problems.  
Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21(2): 207-224, 1991.
- 32) TOMCHICK, T.L. & GREENE, R.W.  
Síndrome urológica felina: Aspectos cirúrgicos de profilaxia. In: KIRK, R.W. Atualização Terapêutica Veterinária. Trad. por A.F.R Alves, F.G. Nascimento e R.C.Barnabe. São Paulo Edit. Manole., 1984. p 1339-1341.
- 33) VERMULM, L. S. C.; BRUNINI, C. R; ROMANO, M. L.; ROMANO, L. R;  
ARENALES, M. C.

*Cicuta virosa*. In: BRUNINI, C. & SAMPAIO, C. ed. Matéria Médica Homeopática Ibehe. vol VI. São Paulo, Mythos Engenharia de Mercado Ltda., 1994. p 61-80.

34) VOITH, V. L.

Attachment of people to companion animals.

Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 15(2): 289-295, 1985.

35) VOITH. V.L.

Applied animal behavior and the veterinary profession. A historical account.

Vet. Clin North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21(2):203-206, 1991.

36) VOITH V.L.

Distúrbios do comportamento. In: ETTINGER, S. J. ed. Tratado de Medicina Interna Veterinária. Trad. por S. A. G. Nascimento e F. G. Nascimento.

São Paulo. Editora Manole Ltda., 1992. p 235-247.

37) WRIGHT, J.C.

Canine aggression toward people - Bite scenarios and prevention.

Vet. Clin. North Am. Small Anim. Pract., Philadelphia, 21 (2): 299-314, 1991.